

## O SISTEMA VOCÁLICO PRETÔNICO NAS ZONAS RURAL E URBANA DO MUNICÍPIO DE ARAGUARI

DAYANA RÚBIA CARNEIRO<sup>1</sup>  
JOSÉ SUELI DE MAGALHÃES<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo descrever o sistema vocálico do Português falado nas zonas rural e urbana de Araguari, cidade localizada na região do Triângulo Mineiro. Propõe-se analisar os processos fonético-fonológicos em que as vogais pretônicas estão envolvidas, tais como harmonia vocálica, neutralização, abaixamento e elevação, a partir dos dados de um *corpus* obtido de fala espontânea coletada de acordo com a metodologia sociolinguística de Tarallo (1997). A discussão teórica fundamenta-se, principalmente, em Câmara Jr. (1977, 1980), Viegas (1987) e Bisol (1981).

**Palavras-chaves:** vogais pretônicas; processos fonético-fonológicos e dialeto mineiro.

### **ABSTRACT**

This work aims to describe the vowel system of the Portuguese spoken in rural and urban zones of Araguari, a city located in Triângulo Mineiro, of Minas Gerais. We propose to analyze the phonetic and phonological processes in which pretonic vowels are involved, such as vowel harmony, neutralization, and raising. We analyze spontaneous speech data, according to the sociolinguistic methodology found in Tarallo (1997). This work is theoretically support by Camara Jr. (1977, 1980), Viegas (1987) e Bisol (1981).

**Keywords:** pretonic vowels, phonetic and phonological processes, mineiro dialect.

---

<sup>1</sup> Bolsista do PBIIC/FAPEMIG, pelo Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Paranaguá, 26, Bairro Brasília, Araguari-MG, CEP: 38441-090, e-mail: dayana.carneiro@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: mgsjose@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro, encontramos no sistema vocálico: a vogal baixa /a/, as vogais médias baixas /E/ e /◻/, as vogais médias altas /e/ e /o/ e as vogais altas /u/ e /i/, sendo assim caracterizado desde Câmara Jr. (1977, 1980). Na variedade oral, devido à alternância nas articulações da fala, mapeamentos diferentes ocorrem nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final. Desta forma, o sistema vocálico do português brasileiro passa por um processo de redução que pode ser identificado por sete vogais na sílaba tônica, as quais são reduzidas para cinco na posição pretônica, para quatro na posição postônica não-final e três na posição átona final.

A distribuição das vogais do Português Brasileiro conforme (Câmara Jr., 1980) é apresentada na ilustração abaixo:

### (1) Vogais em posição tônica

altas	/i/	/u/
médias	/e/	/o/ (2º grau)
médias	/E/	/◻/ (1º grau)
baixa		/a/

anterior   central   posterior

(Câmara Jr., 1980, p. 43)

### (2) Vogais em posição pretônica

altas	/i/	/u/
médias	/e/	/o/
baixa		/a/

anterior   central   posterior

(Câmara Jr., 1980, p. 44)

### (3) Vogais em posição átona não-final

altas	/i/	/u/
médias	/e/	-
baixa		/a/

anterior   central   posterior

(Câmara Jr., 1980, p. 44)

### (4) Vogais em posição átona final

altas	/i/	/u/
baixa		/a/

anterior   central   posterior

(Câmara Jr., 1980, p. 44)

As vogais em posição pretônica sofrem variações, ao levar em consideração as diferentes regiões do país. Isso significa dizer que, na posição pretônica, as vogais estão envolvidas em processos fonológicos que mudam a configuração do sistema vocálico.

Para Câmara Jr. (1977, 1980), as vogais pretônicas perdem a distinção entre as médias baixas /◻/ e /E/ e as médias altas

/o/ e /e/, resultando, nesta posição, um sistema composto de cinco vogais. Tal redução foi interpretada pelo autor como caso de neutralização.

Em posição postônica não-final, as vogais médias baixas /E/ e /ɔ/ não se realizam. O alçamento da posição átona não-final é mais freqüente entre as vogais posteriores /o/ → /u/, como as palavras *fósfuro* e *abóbura*, do que entre as séries posteriores /e/ → /i/ como nos exemplos, *prótise* e *córrego*.

E na posição átona final esse processo ocorre entre /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, como se observa nos pares de palavras fur/o/ -> fur [u], piqu/e/ -> piqu[i].

Com base na literatura lingüística existente acerca do assunto, descobrimos que sobre a vogal pretônica incidem vários fenômenos fonológicos, dentre eles o *alçamento*. Esse fenômeno – caracterizado como o resultado da elevação do traço de altura das vogais médias [e] e [o] que se realizarão, respectivamente, como as vogais altas [i] e [u] – se manifesta em alguns dialetos como o paulista e o mineiro, em que vocábulos como *m[e]nino*, na maioria das vezes, é pronunciado como *m[i]nino*. Ou seja, nesse vocábulo o que se observa, segundo algumas análises, é a *assimilação vocálica*, na qual a vogal média pretônica [e] assimila a altura da vogal alta [i], presente

na sílaba seguinte. No entanto, o fato de outros fenômenos fonético-fonológicos como *abaixamento* ou *redução* também se manifestarem nas vogais médias pretônicas de alguns dialetos, notamos algumas divergências teóricas no que diz respeito à análise dos processos que envolvem essa vogal.

Dentre essas divergências identificamos duas tendências dominantes para tratar da aplicação desse fenômeno, a partir das quais são caracterizados dois modelos teóricos que postulam explicações para a mudança sonora considerada: *Modelo Neogramático* e *Modelo de Difusão Lexical*. De acordo com o primeiro, a mudança sonora, no caso das vogais pretônicas, de um som para outro, em determinada língua, atingiria uniformemente todo o léxico que contivesse esse mesmo som, em iguais condições fonéticas. Por isso, essa mudança é vista como um processo foneticamente gradual e lexicalmente aberto; já o segundo modelo, ao contrário, defende uma mudança foneticamente aberta e gradualmente implementada no léxico das línguas. Dessa maneira, o foco da mudança da unidade sonora passa para a unidade morfo-lexical.

Viegas (1987) acredita que o processo de alçamento não seria de natureza neogramática, mas sim de difusão lexical. A autora explica que, para analisar

a existência ou não do alçamento, é importante perceber se no latim havia ambiente que proporcionasse o aparecimento desse fenômeno, afirmando que alguns itens como: *ciroulas*, *piqui*, *buteco* e *tumate*, por serem advindos de outras línguas, podem ter sido transferidos para o português com a vogal já alta, não apresentando, neste caso, o alçamento.

Para Viegas (2003), nas palavras em que as vogais médias estão em oposição distintiva às vogais baixas, alçam aquelas que têm menos prestígio social, palavras cujo uso é geralmente familiar, como: *piru*. Por outro lado, é possível perceber que existem palavras com origem em um mesmo item lexical, porém com significados distintos, em que um alça e o outro não, como: *cunserto* e *concerto*, *sintido* e *sentido* (como ordem militar) que são marcados, também, como um processo de valoração social e uma questão semântico-pragmática.

Oliveira (1991), assim como Vegas, concorda que o alçamento é um processo inteiramente lexical, no entanto afirma que o alçamento ocorre em nomes comuns marcados pela informalidade, mas que apresentam um contexto fonético natural.

Callou, Moraes e Leite (2002) como Bisol (1981) acreditam que a elevação das vogais pretônicas é decorrente da harmonização vocálica. Esse processo é definido pela elevação das

vogais médias pretônicas, em decorrência da presença de uma vogal alta na sílaba tônica posterior, em que a vogal média se eleva na busca pela manutenção de uma harmonia entre as sílabas como, por exemplo, nas palavras b/e/bida e b/i/bida, em que o /e/ eleva a /i/, e c/o/ruja e c/u/ruja, nas quais o /o/ eleva a /u/. O processo de harmonização pode abranger também as variações do timbre da vogal pretônica, contextualizando-se pelas consoantes circunvizinhas ao invés da sua aplicação pela vogal subsequente, o que pode ser exemplificado nos vocábulos m/o/leque e m/u/leque, b/o/cejar e b/u/cejar, m/e/lhor e m/i/lhor e c/o/légio e c/u/légio.

Abaurre-Gnerre (1981) e, posteriormente, Viegas (1987) discordam de que a elevação das vogais seja uma consequência da harmonia vocálica; para as autoras, trata-se de um processo de redução que é influenciado pelas consoantes adjacentes; nas palavras p/e/queno e p/i/queno, t/o/mate e t/u/mate, b/o/neca e b/u/neca é perceptível a elevação, no entanto, não há harmonia entre as sílabas tônica e pretônica, pois é muito mais nítida a diferença entre as vogais tônicas e pretônicas, perante a classificação articulatória.

A breve exposição das divergências de análise quanto ao fenômeno fonológico que nos propusemos a analisar permite

vislumbrar a complexidade de fatores a serem investigados a fim de observarmos que características fonológicas poderemos encontrar nos dados de Araguari.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Como procedimento utilizado no decorrer da pesquisa, ressaltamos consultas bibliográficas e entrevistas para coleta dos dados, no intuito de contribuir com o estudo do sistema vocálico do Português Brasileiro, dando ênfase às vogais pretônicas.

Foram realizadas leituras de textos do sistema vocálico do Português Brasileiro, tais como: *O sistema vocálico do português*, de Battisti e Vieira (1999); *O Vocalismo do Português no Brasil*, de Callou, Moraes e Leite (1996); *Para o estudo da Fonêmica Portuguesa e Estrutura da Língua Portuguesa*, ambos de Câmara Jr. (1977, 1980 respectivamente).

Além disso, para o andamento de nossa pesquisa, procedemos à leitura de estudos referentes às vogais pretônicas. De Callou et al. lemos: *A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável* (2002) e *Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas* (1995); de Bisol e Magalhães *A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições* (2005) e de Viegas *O alçamento*

*de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem* (2003). Além destas obras, foram feitas pesquisas em fontes como textos retirados da internet, fontes estas que tivessem como tema as vogais pretônicas.

Além da leitura e análise referentes aos processos em que estão envolvidas as vogais pretônicas, realizamos encontros semanais com o orientador Profº Drº José Sueli de Magalhães, e discutimos as questões levantadas pelo projeto de pesquisa, além de debates e avaliações realizadas com o *Grupo de Estudos em Fonologia* (GEFONO), coordenado pelo referido professor às quintas-feiras, quinzenalmente.

Outra importante e necessária atividade de pesquisa foi a participação em eventos científicos com apresentação de trabalhos; visita ao laboratório de fonética acústica da UFMG, com o objetivo de receber treinamento sobre análise experimental, especificamente sobre o programa *praat*. No entanto, o programa *praat* não foi utilizado para as análises dos dados por motivo da escassez de tempo. Mas em futuras pesquisas, quando pretendemos ampliar o leque de informantes a serem analisados, o programa *praat* será usado, até mesmo, para facilitar as análises dos dados.

No estudo sobre as vogais pretônicas, utilizamos um *corpus* cujos dados foram obtidos através de entrevistas com informantes falantes do Português Brasileiro, variedade do Triângulo Mineiro, das zonas rural e urbana do município de Araguari. Assim, a primeira exigência foi que os informantes fossem naturais de Araguari e, além disso, que tivessem permanecido nesta cidade a maior parte de suas vidas.

A realização deste trabalho de pesquisa foi baseada na metodologia utilizada por Tarallo (1997). Selecioneamos duas variáveis: faixa etária e escolaridade. A variável *sexo/gênero* não foi considerada, sendo que o gênero dos seis informantes foram escolhidos aleatoriamente, pois já fora demonstrado em estudos anteriores como em (CALLOU, LEITE E COUTINHO, 1991) que a variável em questão não traz resultados relevantes no que se refere à diferença de manifestação do processo na fala de homens e mulheres. No entanto, a variável escolaridade pode ser relevante na caracterização de uma variedade lingüística.

Os informantes foram divididos em três faixas etárias, a saber: de 15 a 30 anos, de 31 a 50 anos e de 50 anos em diante. A escolaridade dos informantes dessa amostra variou entre mínima, de 1 a 4 anos

de permanência na escola, e escolaridade máxima, curso superior completo.

A quantidade reduzida de entrevistas pode ser explicada devido ao fato de não termos já um banco de dados, sendo que o mesmo foi constituído para a realização dessa pesquisa.

O *corpus* da pesquisa foi composto por dados de fala espontânea. No entanto, para que se conseguisse atingir os objetivos propostos, foram elaboradas perguntas em cujas respostas mais facilmente se alcançasse o contexto vocálico de interesse, ou seja, as vogais pretônicas.

### 3. LEVANTAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE

Nos dados captados, percebe-se que a elevação vocálica foi o processo fonológico com maior ocorrência, tanto na zona rural quanto na zona urbana da cidade de Araguari. Podemos observar que a elevação pode ocorrer por harmonia vocálica entre as sílabas da palavra, o que faz com que as vogais médias altas /e/ e /o/ elevem a /i/ e /u/, respectivamente. E também pela presença de uma fricativa na coda da sílaba, geralmente o [s], ou de consoantes adjacentes como a oclusiva velar [k] e as bilabiais [b, m].

Têm-se alguns exemplos de palavras que sofrem elevação derivada da harmonização vocálica:

Elevação por harmonia vocálica – zona urbana – 50 anos em diante

menina	minina
comida	cumida
feliz	filiz

Elevação por harmonia vocálica – zona rural – 50 anos em diante

menina	minina
comida	cumida
verdura	virdura
vendia	vindia
cozinha	cuzinha
comigo	cumigo

Elevação por harmonia vocálica – zona urbana – 30 a 45 anos

ensino	insino
polícia	pulícia
comida	cumida
sentido	sintido
moída	muída
menina	minina
cresci	crisci

Elevação por harmonia vocálica – zona rural – 30 a 45 anos

menina	minina
serviço	sirviço
mexia	mixia
mordido	murdido
pepino	pipino
cozinho	cuzinho

Elevação por harmonia vocálica – zona rural – 15 a 30 anos

comida	cumida
cozinha	cuzinha
menino	minino
comia	cumia

Elevação por harmonia vocálica – zona urbana – 15 a 30 anos  
estudo istudo

Exemplos de palavras que sofreram elevação pela consoante fricativa:

Elevação pela consoante fricativa /s/ – zona urbana – 50 anos em diante  
estudei istudei

Elevação pela consoante fricativa /s/ – zona rural – 50 anos em diante  
escola iscola  
esconde isconde  
esqueci isqueci

Elevação pela consoante fricativa /s/ - zona urbana – 30 a 45 anos

escola	iscola
estudando	istudando
acostumando	acustumando
esposa	isposa
estrela	istrela

Elevação pela consoante fricativa /s/ - zona rural – 30 a 45 anos

esposa	isposa
escola	iscola
estuda	istuda
acostumei	acustumei
esquenta	isquenta

Elevação pela consoante fricativa /s/ - zona rural – 15 a 30 anos

estradinha	istradinha
espeta	ispeta
estudava	istudava
acostumado	acustumado
escola	iscola

Elevação pela consoante fricativa /s/ - zona urbana – 15 a 30 anos

esposa	isposa
estado	istado
estudo	istudo
estadual	istadual
esclarecer	isclarecer
espera	ispera
estava	istava

Elevação pela consoante bilabial - zona rural – 50 anos em diante

tomate	tumate
demais	dimais
boneca	buneca
debaixo	dibaixo

Palavras que sofreram elevação pela consoante oclusiva velar /k/:

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona urbana – 50 anos em diante

pequeno	píqueno
---------	---------

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona rural – 50 anos em diante

pequeno	píqueno
---------	---------

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona urbana – 15 a 30 anos

pequeno	píqueno
---------	---------

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona rural – 15 a 30 anos

pequenininho	píquenininho
--------------	--------------

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona urbana – 30 a 45 anos

pequeno	píqueno
---------	---------

Elevação pela consoante oclusiva velar - zona rural – 30 a 45 anos

- - -

Palavras que sofreram elevação pelas consoantes bilabiais:

Elevação pela consoante bilabial - zona urbana – 50 anos em diante

- - -

Elevação pela consoante bilabial - zona urbana – 15 a 30 anos

futebol	futibol
---------	---------

Elevação pela consoante bilabial - zona rural – 15 a 30 anos

tomate	tumate
boneca	buneca

Elevação pela consoante bilabial - zona rural – 30 a 45 anos

tomate	tumate
futebol	futibol

Elevação pela consoante bilabial - zona urbana – 30 a 45 anos

comida	cumida
--------	--------

Palavras que sofreram elevação pela consoante nasal:

Elevação pela consoante nasal - zona urbana – 50 anos em diante

- - -

Elevação pela consoante nasal - zona rural – 50 anos em diante

enfeitado	infeitado
encrenca	increnca
empregado	impregado
embora	imbora
conversa	cunversa

Elevação pela consoante nasal - zona urbana – 15 a 30 anos

enterro	interro
então	intão

Elevação pela consoante nasal - zona rural  
– 15 a 30 anos

conversa cunversa  
enrolou inrolou

Elevação pela consoante nasal - zona  
urbana – 30 a 45 anos

enquanto inquanto  
então intão  
emprestimo imprestimo

Elevação pela consoante nasal - zona rural  
– 30 a 45 anos

então intão

### 3.1. Vocábulos não alçados

Nas palavras *não-derivadas*, ocorreu um bloqueio do processo, como se observa no quadro 1 abaixo. Nos três exemplos, a primeira pretônica é [e] e a tônica [i], e o processo não se aplicou, mesmo possuindo um contexto fonológico favorável que é: vogal média [e/o] seguida de uma vogal alta [i/u]. Uma possível explicação para a inibição do processo está no fato de o informante possuir um grau de escolaridade em que o alçamento ocorre em menor proporção.

Item Lexical	Contexto Segmental	Ocorrênci a(s)	Alçamento
<i>dedico</i>	e- I	001	000 (0%)
<i>perito</i>	e - I	001	000 (0%)
<i>eternite</i>	e - e - I	001	000 (0%)

**Quadro 1. Bloqueio de alçamento em palavras não-derivadas**

Já nas palavras *derivadas*, a não manifestação do processo, com mostra o Quadro 2, observa-se, que apesar de possuírem o contexto fonológico propício, o contexto segmental *e-i*, não houve palavras que apresentassem o processo de *alçamento*. Tal fato pode ser explicado com base em Bisol (1981); para a autora alguns sufixos formadores de grau, como *-inho*, tendem a desempenhar o papel de bloquear o funcionamento de algumas regras, como o abrandamento da velar, a neutralização e a harmonia vocálica. Assim, o sufixo *-inho* encontrado nos dados pode ter ocasionado o bloqueio do processo em todas as ocorrências levantadas.

Item Lexical	Contexto Segmental	Ocorrênci a(s)	Alçamento
<i>certinho</i>	e - I	001	000 (0%)
<i>mocinho</i>	o - I	001	000 (0%)
<i>Poquinho</i>	o - I	002	000 (0%)

**Quadro 2. Bloqueio de alçamento em palavras derivadas**

Quando comparados os quadros em que são apresentados os dados em que não se verifica ao alçamento, notamos mecanismos distintos de inibição desse processo. Enquanto no primeiro devemos levar em consideração o contexto segmental e o fonológico, no segundo é

necessário considerarmos a informação morfológica, expressa no sufixo *-inho*.

### 3.2. Vocábulos alçados

No que se refere às palavras *não-derivadas*, percebemos que o *alçamento* ocorreu nas palavras apresentadas no quadro 3 a seguir. Observa-se que nos contextos (*e-i*; *o-i*; *e-e*) **sempre** ocorreu o alçamento, como exemplificam as palavras *menino*, *cozinha* e *pequeno*. No entanto, destacamos que algumas palavras, como *período*, possuía contexto segmental (*e-i*) para o alçamento, mas o processo não ocorreu.

Item Lexical	Contexto Segmental	Ocorrência(s)	Alçamento
<i>Menino</i>	<i>e - I</i>	09	09 (100%)
<i>Cozinha</i>	<i>o - I</i>	04	04 (100%)
<i>Pequeno</i>	<i>e - E</i>	06	06 (100%)

### Quadro 3. Alçamento em palavras não-derivadas

Como em um mesmo contexto segmental foi possível encontrarmos tanto casos de variação, quanto de não variação ou ainda aqueles nos quais não houve a manifestação do processo, percebemos que, para esses vocábulos, a análise do *alçamento* deve incluir outras variáveis

lingüísticas como o tipo de consoantes precedentes e seguintes.

Em relação às palavras *derivadas*, todos os itens foram alçados. Nessas ocorrências, notamos que o processo se aplicou totalmente, o que propiciou a não ocorrência de variação.

Item Lexical	Contexto Segmental	Ocorrência(s)	Alçamento
<i>dezessete</i>	<i>e - e - E</i>	001	001 (100%)

### Quadro 4. Alçamento em palavras derivadas

No contexto segmental *e-e* o processo ocorreu 100%, independentemente da ocorrência de duas vogais iguais. Ou seja, apesar de não possuir contexto fonológico propício, o alçamento ocorreu em todos os casos, não levando assim à variação. Uma possível explicação para a aplicação do processo nesse item pode estar relacionada à presença da consoante adjacente oclusiva velar [k], que por possuir uma articulação em que a língua encontra-se numa posição elevada, influenciou no alçamento da vogal contígua a ela. A existência de contexto favorável também pode ser observada em *e-i*, no qual houve 100% de ocorrência do processo e em *o-i*, no qual também houve 100% de ocorrência do processo.

Em palavras como as apresentadas no quadro 5, mesmo não ocorrendo um contexto propício para a harmonia vocálica, vogal média [e/o] seguida de uma vogal alta [i/u], observamos que há ocorrência do processo de alçamento. Abaurre-Gnerre (1981) considera que o alçamento dessas palavras deve-se também ao processo de harmonia vocálica, pois as vogais médias fechadas realizam-se como vogais médias abertas, harmonizando-se em altura com a vogal aberta acentuada da sílaba seguinte.

Item Lexical	Ocorrência(s)	alçamento
<i>perereca</i>	01	01 (100%)
<i>remédio</i>	02	02 (100%)

**Quadro 5. Abaixamento em palavras não-derivadas**

#### 4. DISCUSSÃO

Com base na análise realizada, notamos que alguns resultados apresentados confirmaram vários aspectos já explorados na literatura lingüística sobre as vogais pretônicas.

A análise encontra respaldo no trabalho de Bisol (1981) que trata da influência das consoantes adjacentes como a *occlusiva velar* [k] e as *bilabiais* [b, m]. Em itens como *p[i]queno*, o *alçamento* pode ser explicado a partir do ponto de

articulação da consoante [k], como já havia ressaltado a autora. Já em palavras como *b[u]neca* e *t[u]mate*, as labiais podem ter influenciado o *alçamento* de [o] devido ao seu traço de labialidade que trabalharia em favor da realização de [u] que, numa escala crescente, seria mais arredondada que [o], como constatou a autora.

Um resultado relevante, embora não seja contexto que acarrete variação, foi o *contexto vocálico* favorável. Em palavras como *m[i]nino*, o *alçamento*, como considera Viegas (1987, 2003), Oliveira (1991) e também Bisol (1981), pode ser explicado a partir de um processo de *harmonização* vocálica, em que a vogal média [e] assimila o traço de altura da vogal alta [i]. Nesse caso, a validade da afirmação pode ser comprovada pela ocorrência do processo em 100% dos itens lexicais. Para Viegas, o processo de harmonia vocálica não está em progresso como explicitam alguns estudos, pelo contrário, considera-o um processo antigo desde o século XIII ao XVI, em Portugal. Por esse motivo, vocábulos que foram incorporados à nossa língua depois dessa época, os denominados *emprestimos* como *período*, permanecem atualmente da mesma forma com que entraram em nosso léxico.

Realizada a análise e a discussão dos dados encontrados, pudemos conhecer alguns dos contextos e vocábulos nos quais

o fenômeno do *alçamento* vocálico manifesta-se, além de vislumbrarmos a importância desse fenômeno fonológico na língua falada de nossa região.

## 5. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos por essa pesquisa demonstram que o dialeto do Triângulo Mineiro se assemelha aos dialetos mineiro de Belo Horizonte e gaúcho, encontrados por Viegas (1987) e por Bisol (1981), respectivamente, no que tange à ocorrência do processo de alçamento ser superior ao de abaixamento das vogais pretônicas. O mesmo não acontece com o falar baiano, no qual o fenômeno da redução torna-se muito mais aparente, o que é explicado por Passos e Passos (1948 apud CALLOU, LEITE E COUTINHO, 1991) pela extensão de intensidade que uma sílaba tônica exerce sobre a sílaba pretônica, ou seja, seria prosodicamente um fator acarretado pela necessidade de ritmo.

Uma conclusão importante advinda da análise dos dados é que as vogais pretônicas sofrem mais variações na zona rural do que na zona urbana, o que pode ser explicado pelo grau de escolaridade ou simplesmente pelo grau de espontaneidade da fala rural. Desta forma, um falante ao pronunciar o nome- José- de uma maneira mais formal, não apresenta a vogal /o/

alçada, o que seria diferente se estivesse em um contexto puramente informal.

Observa-se, também, que as palavras compostas por três ou mais sílabas contêm um ambiente mais propício para o aparecimento dos processos fonético-fonológicos referentes às pretônicas do que as palavras dissilábicas.

## 6. AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, agradeço, primeiramente, a Deus que sempre me deu forças; à minha família que sempre me apoiou; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, órgão que me financiou para que essa pesquisa se realizasse com qualidade. Um sincero e caloroso agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, que me instigou o interesse de desenvolver esta pesquisa. Nossas reuniões foram decisivas no meu amadurecimento acadêmico-científico.

Esse artigo é também dedicado ao Grupo de Estudos em Fonologia, sem o qual algumas considerações aqui presentes não teriam sido realizadas. Além de estudantes de fonologia, somos amigos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, UNICAMP, n. 2, p. 23-44, 1981.

ABAURRE, M. B e GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. In: **DELTA**, São Paulo, v.14, n.2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501998000200005&script=sci\\_arttext&tIngl=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501998000200005&script=sci_arttext&tIngl=pt)>. Acesso em: 13 set. 2006.

BATTISTI, E; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISOL, L. **Harmonia Vocálica: Uma regra variável**. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 1981

\_\_\_\_\_. A neutralização das átonas. In: **Revista Letras**, Curitiba, Editora UFPR, n. 61, p. 273-283, 2003.

\_\_\_\_\_. Harmonização Vocálica na Fala Culta. **DELTA**, v. 4, p. 01- 20, 1988.

BISOL, L. e MAGALHÃES, J. S. A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições. In: **Revista Abralin/UnB**, Brasília, v. 3, n. 1 e 2, p.75-78, 2005.

CALLOU, D; MORAES, J. A. e LEITE, Y. O Vocalismo do Português do Brasil. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.31, n. 2, p. 27-40, jun.1996.

\_\_\_\_\_. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 9-24, março 2002.

CALLOU, D. et al. Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas. **Miscelânea em homenagem a Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 59-70, 1995.

\_\_\_\_\_. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n.18, p. 71-78, 1991.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10 ed. Petrópolis, Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Para o estudo da Fonêmica Portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1977.

CARVALHO, H. Nota sobre o Vocalismo Antigo Português: Valor dos grafemas a e o em sílaba átona. In: **Estudos Lingüísticos II**, Coimbra, p. 76-103, 1969.

GONÇALVES, C. A. V. **Uma história bélica (e bela): impasses na doutrina neogramática**. Disponível em: <

- [http://www.filologia.org.br/anais/anais\\_224.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais_224.html). Acesso em: 15 de set. 2006.
- KAILER, D. A. A variação da pretônica /o/ no falar rural paranaense. In: **Estudos Lingüísticos XXXV**, p. 595-604, 2006. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/660.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2006.
- LEE, S. H. Sobre as vogais pré-tônicas no Português Brasileiro. In: **Estudos Lingüísticos XXXV**, p. 166-175, 2006. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/shl.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2006.
- MAGALHÃES, J. S. **O Plano Multidimensional no Acento na Teoria da Otimidade**. Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. In: **International Journal of the Sociology of Language**, Berlin, v. 89, 1991.
- SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação**: recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SUCKOW, D. **Alçamento das vogais orais médias postônicas não finais duas propostas em análise**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/05.htm>>. Acesso em: 10 set. 2006.
- TARALLO, F. A. **Pesquisa Sociolinguística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.
- VIEIRA, J. S. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação**: recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- VIEGAS, M. C. O alçamento de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n. 134, p. 307-318, dez. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Alçamento das Vogais Pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

## 8. ANEXOS

### Anexo I

Roteiro de entrevista<sup>3</sup>.

1. Você se sente feliz morando aqui?  
Por quê?
2. O que você mais gosta de cozinhar?  
Explique como.
3. Conte sobre um dia em que você se sentiu a pessoa mais feliz do mundo?
4. Você já sentiu medo de ficar sozinho? Por quê?
5. Como foi sua infância?
6. Como é sua relação com seu esposo (a)?
7. Aqui na roça aparecem muitos animais? Que tipo de animais?
8. Como foi o seu período escolar?  
Você gostava de estudar?

comida  
comigo  
conversa  
conversando  
cozinha  
debaixo  
demais  
descobrimos  
descombinar  
dezessete  
empregado  
enfeitar  
enrolar  
ensino  
então  
esclarecer  
escola  
escolinha  
espeta  
esposa  
esqueci  
esquenta  
esquerda  
estado  
estava  
estrada  
estradinha  
estrela  
estudei  
estudo  
futebol  
magoado  
menina  
menino

### Anexo II

Lista das palavras que o alçamento sempre ocorreu

acostumando  
boneca  
comia

<sup>3</sup> As perguntas propostas, na maioria das vezes, não foram seguidas para deixar os informantes mais à vontade. Assim, eles relataram fatos que os interessava.

moída	aposentado
mordido	certinho
pepino	computador
pequenininho	concurso
pequeno	contato
perereca	dedico
policia	defende
policial	defende
porque	delegado
sentido	derrame
sobrinho	desidratado
tomate	determinada
	dezembro
Lista das palavras em que ocorreu variação (alçamento x não-alçamento)	
	diferente
	educada
	eternite
colega	felicidade
colégio	feriado
condição	gostava
conhecendo	hereditário
conheci	hortaliças
conseguir	josé
cresci	mesmo
depois	mocinho
feliz	oficina
mexer	pensamento
perdia	período
preciso	perito
serviço	pessoa
verdura	população
	poquinho
Lista das palavras em que não ocorreu alçamento	
	pretendo
	problema
	professora

profissão  
quebrado  
reclama  
reforço  
reformo  
região  
relacionamento  
revoltada  
rodrigues  
semana  
somente  
somente  
televisão  
total  
veterinária  
volante  
voltei  
vontade